

Convênio beneficia meninos de rua no Centro Histórico



O Ipac e o Projeto Axé
vão colocar 300 menores
no mercado de trabalho

Meninos de rua e Centro Histórico sempre foram cúmplices e personagens de casos idênticos, nem sempre muito edificantes. De que forma esta união malvista poderia render bons frutos sociais? A resposta até então impensada, foi viabilizada por um convênio firmado no último dia 7 entre o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac) e o Projeto Axé, que prevê a implantação de um Centro Profissionalizante no Centro Histórico, direcionando aos meninos de rua. Até o final deste ano, cerca de 300 menores terão mais uma porta aberta para mercado de trabalho.

Nos próximos três meses — prazo de validade do convênio — os imóveis números 3, 5, 7, 9 e 11 da Rua Gregório de Matos serão submetidos a um plano de limpeza e restauração elaborado pelo Ipac. Além disso, as estruturas internas que não fazem parte da arquitetura original serão demolidas. Os trabalhos começarão a ser executados na próxima semana, com uma verba de Cr\$3,5 milhões, repassada ao Ipac pelo Projeto Axé. A história destes imóveis da Rua Gregório de Matos não é conhecida porque o Ipac só começou a fazer intervenções físicas na região na década de 70, quando as ruínas já estavam lá. Os técnicos acham que um incêndio é a causa mais provável da destruição.

Imagem — Demistificar a imagem de violência associada ao Centro His-

tórico e aos menores que frequentam a região é um dos objetivos dos coordenadores do Projeto Axé. “Vamos tornar produtivo o hábito dos meninos de visitarem o Pelourinho”, explicou o técnico da área de Educação, Marcos Carvalho. A coordenadora do Projeto Axé, Ená Pinto Benevides, acrescentou que a proposta é investir nos espaços físicos já existentes para implantar os serviços mantidos pela entidade. No caso dos imóveis do Centro Histórico, a área será estruturada da forma mais versátil possível, com intensa participação dos meninos atendidos pelo Projeto Axé. “Elas vão visitar o espaço, pensar nas formas de aproveitá-lo e ajudar a construir o Centro Profissionalizante”, garantiu Marcos Carvalho.

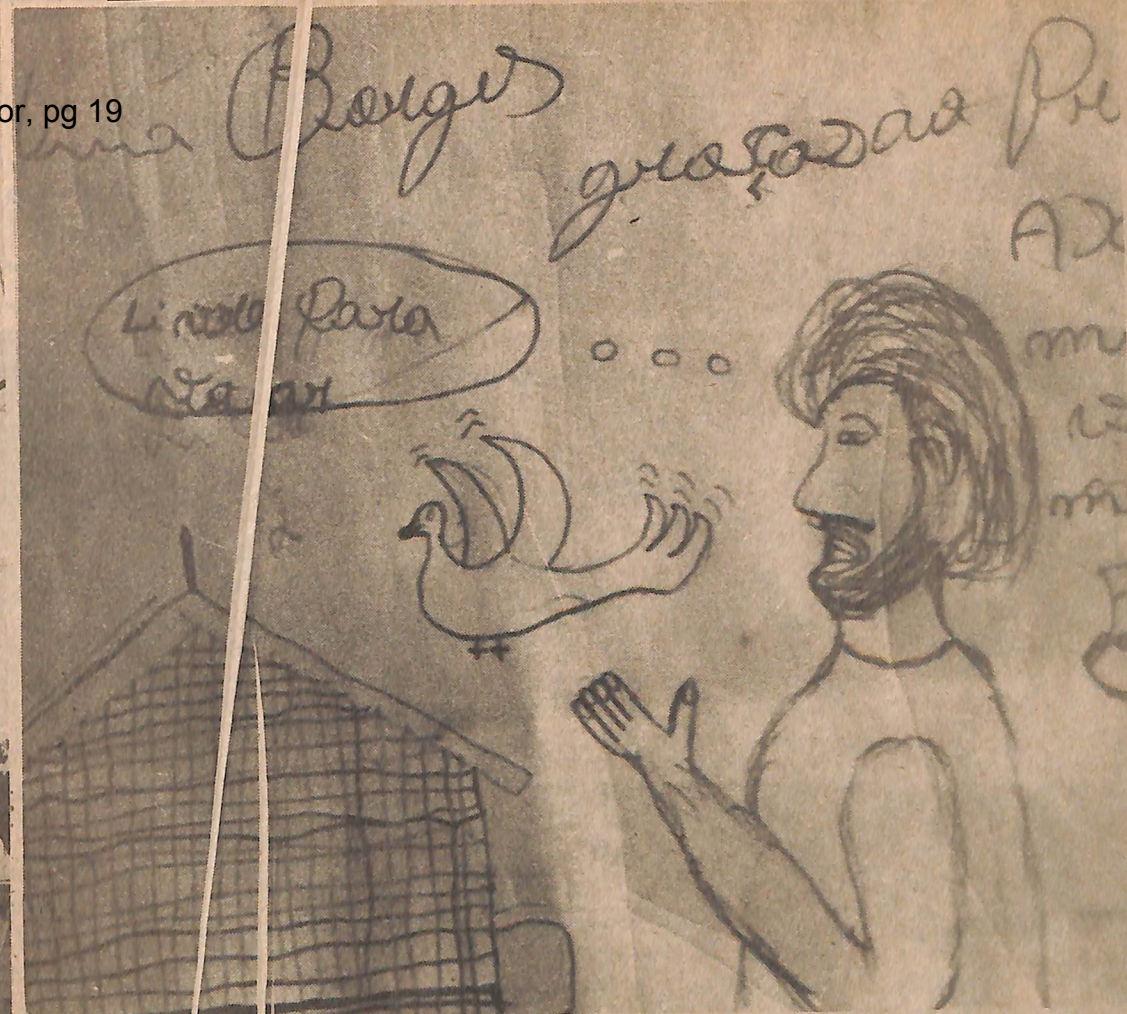
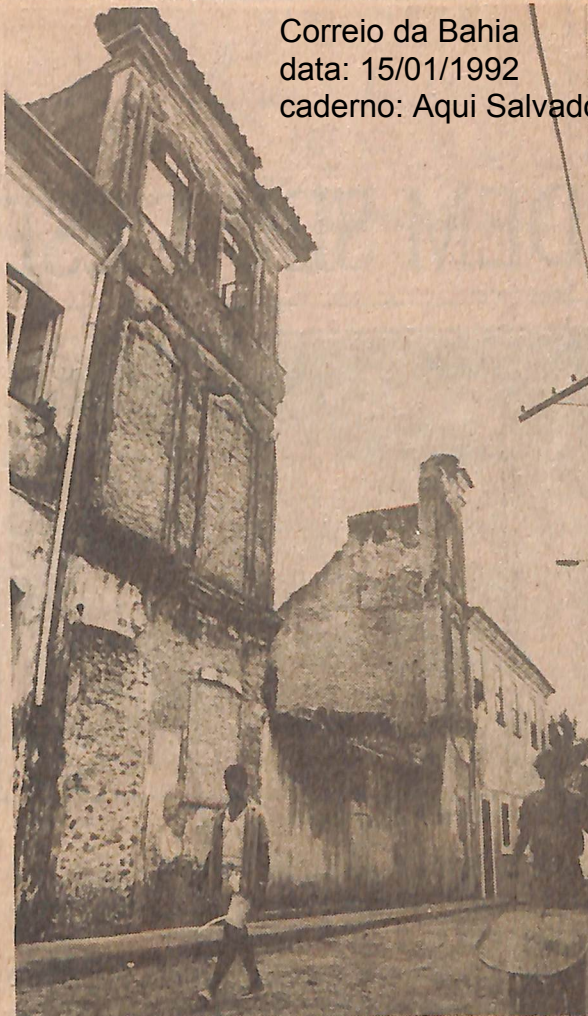
O Projeto Axé abriu espaço para os menores em locais como Senai, Senac e Sesc. As áreas não oferecidas por estes serviços ou que têm demanda muito grande serão incluídas no Centro Profissionalizante do Centro Histórico. O ramo de mecânica, por exemplo, é bastante procurado pelos meninos de rua e não há tanta disponibilidade de vagas. Hotelaria/Restaurantes é outra oficina que o Projeto Axé pretende implantar. “A maioria das nossas diretrizes e propostas surgiu nas ruas, através do contato com os garotos”, resumi Marcos Carvalho. Em linhas gerais, a principal meta do Projeto Axé é profissionalizar os menores, fazendo com que tenham consciência da própria cidadania. “Não queremos produzir subempregados”, completaram.

Idealismo e senso prático

Um projeto sócio-educativo desenvolvido nas ruas de Salvador envolve idealismo e senso prático — receita que vem dando certo há quase dois anos, dando novas perspectivas à vida de dezenas de meninos e meninas ignorados pelos poderes públicos. O Projeto Axé é, sobretudo, uma resposta contundente à problemática questão dos meninos de rua. Atualmente 48

aprofundamento da relação. Nesta fase, os meninos são gradualmente introduzidos em espaços fechados, assistindo fitas de videocassete e visitando museus, por exemplo. É o início da sistematização de um projeto de vida e os educadores oferecem outros referenciais diferentes dos que são encontrados nas ruas.

Correio da Bahia
data: 15/01/1992
caderno: Aqui Salvador, pg 19



A restauração dos imóveis viabiliza a implantação do Centro e completa a educação dos meninos do Projeto Axé

cêndio é a causa mais provável da destruição.

Imagem — Demistificar a imagem de violência associada ao Centro His-

Idealismo e senso prático

Um projeto sócio-educativo desenvolvido nas ruas de Salvador envolve idealismo e senso prático — receita que vem dando certo há quase dois anos, dando novas perspectivas à vida de dezenas de meninos e meninas ignorados pelos poderes públicos. O Projeto Axé é, sobretudo, uma resposta contundente à problemática questão dos meninos de rua. Atualmente, 48 profissionais de todas as áreas se dedicam à execução da proposta, desempenhando a função de “educadores de rua”. O trabalho está rendendo bons frutos. Não é à toa que um dos menores constatou: “Temos coisas que os meninos de casa não têm”.

Tudo é pensado e discutido nas ruas. A primeira fase do trabalho desenvolvido pelos educadores do Projeto Axé é a “paquera pedagógica”, quando eles observam as características e atividades dos grupos de menores. É o primeiro passo para criar os laços de confiança que possibilitam a continuidade do trabalho. Depois, vem o “namoro pedagógico”, com o

aprofundamento da relação. Nesta fase, os meninos são gradativamente introduzidos em espaços fechados, assistindo fitas de videocassete e visitando museus, por exemplo. É o início da sistematização de um projeto de vida e os educadores oferecem outros referenciais diferentes dos que são encontrados nas ruas.

A última fase é o “aconchego pedagógico”, quando as propostas pensadas por educadores e menores começam a ser concretizadas. Com a consciência dos próprios sonhos e desejos, as crianças percebem que é possível torná-los reais. Eles têm, acesso a diversas atividades culturais e a um processo de alfabetização, que também começa nas ruas, através de procedimentos lúdicos. Depois, a depender do ritmo e da vontade de cada menino, começam as aulas nas duas salas de alfabetização do Projeto Axé — uma no prédio onde funciona o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, no Comércio, e a outra na própria sede da entidade, na Barra.

A reintegração das famílias

Retornar ao mercado de trabalho é a principal reivindicação dos 167 mendigos de Salvador, cadastrados por técnicos da Secretaria Municipal de Ação Social durante uma pesquisa que fez parte da primeira fase do projeto Hóspede de Rua, criado pelo Centro de Programas Emergenciais (CPE) da secretaria. O projeto visa reintegrar à sociedade pessoas que vivem abandonadas pelas ruas de Salvador.

Através da pesquisa, realizada mês passado, os técnicos obtiveram o perfil dos mendigos da cidade. Segundo o relatório elaborado pelos profissionais, a maioria dos mendigos são pessoas excluídas do mercado de trabalho. Eles estão na faixa dos 30 e 40 anos e já desempenharam funções como as de pedreiro, vendedores, lavadores de carros, empregadas domésticas. “Há os mendigos de 18 e 70 anos e os que se dizem artistas, mas são a minoria”, ressaltou Josélia Bouzon Sandi, técnica do Setor de Atendimento a Mendigos e Imigrantes do CPE.

Os mendigos foram cadastrados pelos técnicos divididos em quatro grupos: mendigos eventuais (os que vão para a rua após desentendimentos familiares), os imigrantes (vindos de outras cidades em busca de emprego e moradia), os doentes, principalmente mentais e deficientes físicos, e os considerados desajustados (alcoólatras e drogados). Segundo Josélia Sandi, a maior parte deles, independente do grupo a que pertencem, deseja retornar ao lar e a uma vida ativa.

Casa do Hóspede de Rua — O projeto Hóspede de Rua está em fase final. Os técnicos elaboram a proposta da Casa do Hóspede de Rua que deve servir como núcleo de referência para os mendigos da cidade. Josélia ainda explica que a Casa deve prestar assistência ao mendigo, oferecendo-lhe alimentação e possibilitando a higiene pessoal, além de tentar solucionar o problema de cada um facilitando a reintegração à sociedade.